

O gênero musical e estética do rock e seus consequentes cruzamentos com o mundo das artes visuais.

RAFAEL EVANGELISTA DE SOUSA¹; EDUARDA GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelbarbasousa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

1 – INTRODUÇÃO

O presente artigo busca relatar a pesquisa de desdobramentos entre arte e cultura pop, sobretudo da transgressão das atitudes, proporcionada pelo gênero musical e estética do rock e seus consequentes cruzamentos com o mundo das artes visuais.

Nos primeiros anos do século XXI, percebemos um mundo cada vez mais dependente das tecnologias pós-industriais, da informação midiática e da opinião imediata, em detrimento da experiência. Vivemos num contexto cultural baseado no incessante consumo de imagens de toda natureza. Somos também, constantemente, engolidos por fluxos contínuos de imagens, produzidas dentro de processos muito plurais.

A cultura artística ocupa uma posição fronteiriça, onde diferentes estilos, tendências e experimentos são articulados, em um processo de distensão dos antigos valores e conceitos. Uma distensão traduzida por rearticulações de velhos procedimentos artísticos (pintura, escultura), num contexto de fluxos migratórios de identidades, motivações, conceitos e práticas de arte. “Estes entre - lugares fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetividade – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a ideia de sociedade” (Bhabha, 1998). Ocupados pela cultura artística, estes entre-lugares integram um novo panorama internacional da arte, em constantes deslocamentos, migrações e mestiçagens de linguagens e conceitos: “Na arte, os lugares da mestiçagem são espaços de tensão. Tensão entre o original e sua cópia, entre espaços de representação diferenciados, entre sistemas formais diversos, entre os ícones consagrados e sua dessacralização” (Cattani, 2004, pág.66). A escolha deste objeto de pesquisa não é arbitrária, pelo contrário, provem da paixão que tenho pela música e estética do rock. Porque considero a subcultura roqueira uma das grandes manifestações derivadas da cultura popular na história. E, principalmente, subgêneros como o punk e o *hardcore*, que ultrapassaram barreiras musicais, influenciando comportamentos e ideologias. É a história do rock que me interessa cruzar com a história da arte, buscando fontes que possam deixar mais legível esta relação. Esta fusão entre universos de imagens potencializa o repertório do artista na construção de suas poéticas.

2 – METODOLOGIA

Busquei um levantamento, a partir de reproduções fotográficas, de imagens que engendraram os processos de significação da subcultura “roqueira”, causando um choque entre o que se estabeleceu como cultura pop de mercado e os movimentos artísticos contemporâneos. Pretendo entender e apontar alguns processos de disseminação das imagens da estética do rock para dentro do universo da arte contemporânea. Menciono alguns exemplos de artistas que trabalharam diretamente com músicos e estética do rock. Recorro a livros de

história da arte, revistas, catálogos, zines e material das mídias populares. Tive acesso a alguns textos, artigos e teses que me ajudaram a compreender melhor o meu assunto e a buscar meus parceiros históricos. Recorro à história da arte a partir dos anos 1960, em que processos e comportamentos artísticos inapreensíveis deram outro repertório para o campo da arte. Os trabalhos de artistas como H.R. Giger, Richard Hamilton, Andy Warhol, Winston Smith, Derek Riggs, Jamie Reid, Raymond Pettibon, GeeVaucher, Hélio Oiticica, Telmo Lanes e Rogério Nazari vistos como referências diretas da arte ao rock, são provas factuais para minha investigação. Também, as inúmeras músicas, vídeo clipes, documentários e filmes de ficção que assisti, me deram suporte e repertório. Este conjunto me ajudou a compreender melhor estas transições de sentidos na arte contemporânea, objetivo que tento entender e esclarecer no meu estudo.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma outra história começa quando uma anterior termina. Quando atinge um nível de descrença, uma narrativa deve ceder lugar a outra, que consiga compreender melhor as transições a que a cultura humana enfrenta. Teorias sobre o *fim da arte* (Danto, 2006) e o *fim da história* (Lyotard, 2006) proporcionaram uma outra forma de pensar a experiência com a arte. É a experiência artística cruzada com as manifestações da contracultura que, a partir dos anos 1960, trouxeram para os artistas outros meios de conceber seu objeto. Em minha pesquisa, constatei que a arte contemporânea, preocupada em evidenciar seus procedimentos, está cada vez mais vinculada com os processos do mundo atual, com a dinâmica social, as migrações de sentido e a dependência de tecnologia e informação. Nesse contexto, torna-se inevitável uma convergência de linguagens e processos no fazer artístico. As “imagens de segunda geração”, na definição de Tadeu Chiarelli (2002) estão contaminando a produção contemporânea e os artistas, interessados em experimentações cada vez mais descomprometidas com tradições e vanguardas, rompem com as barreiras impostas pelo historicismo formalista, expondo a transitoriedade de sentidos da arte no mundo contemporâneo. Este trânsito de sentidos e definições revela um esgotamento/prolongamento dos conceitos modernos e tradicionais de arte. Ele, ao mesmo tempo reconhece e anula a história da arte. E qual a posição do artista nesta transição?

No conjunto destas manifestações culturais revolucionárias, merece destaque o rock. Escolhi não definir o rock em suas origens, pois desta maneira, teria que considerar, também, o nascimento do blues, estilo surgido da fusão entre música negra e europeia, uma das bases do rock. Uma das origens deste cruzamento, foi a relação do artista Andy Warhol (1928-1987) com a banda de rock Velvet Underground. Esta aproximação, em consequência do advento da Pop art, rendeu uma das capas de disco mais interessantes da história do rock (Figura 1). Warhol também fez uma série de serigrafias com imagens de Elvis, John Lennon, do Beatles e Mick Jagger, dos Rolling Stones.

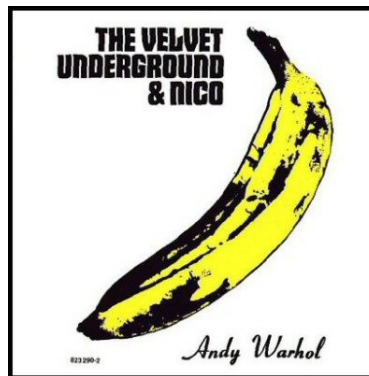


Figura 1. WARHOL, Andy. 1967.

Vindo para o Brasil é importante falar do trabalho do artista Hélio Oiticica. Artista de vanguarda, reconhecido por sua personalidade exuberante, aliada a um gosto pelo marginal, Oiticica buscou uma imaterialidade para sua prática artística e uma experiência suprassensorial com o corpo. Esse comportamento influenciou a Tropicália, movimento musical e artístico de resistência à repressão da ditadura militar. No período em que esteve nos EUA, Oiticica realizou uma série de fotografias, junto do cineasta Neville D'Almeida, onde rostos de músicos de rock como Jimi Hendrix, Frank Zappa, Mick Jagger, apareciam cobertos por linhas de cocaína que formavam desenhos. A série chamada *Cosmococas* (Figura 2), pode ser entendida como derivação do consumo de drogas pelo artista, prova de sua capacidade em quebrar as barreiras do “politicamente correto” na busca pela transgressão em sua vida e sua arte.



Figura 2. OITICICA, Hélio. Cosmococas, 1976.

Acredito que meu relato até o momento, demonstrou tendências em que fazer artístico e estética do rock se cruzaram, fornecendo material para uma outra abordagem possível da história da arte e da cultura.

4 – CONCLUSÃO

É difícil concluir um trabalho em processo de pesquisa. Entretanto, é possível apontar algumas produções artísticas que revelem a intersecção entre artes visuais e musicais. Espero também, conseguir me manter no espaço da arte, pensando essas questões em consonância com estudos e teorias já apresentados no campo. Interessa-me pensar sobre os limites encontrados na história da arte e da cultura e demonstrar diálogos, partindo dos referenciais aqui apresentados. No cenário da arte contemporânea tudo é possível, mas nem tudo é arte, na acepção mais erudita do termo. De maneira que, esse “nem todo”, este fragmento permanente pode identificar um outro lugar onde os grupos urbanos da

sociedade e a cultura se engendram fora dos grandes centros difusores de discursos de poder.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Archer, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. Tradução Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Bhabha, Homi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Elaine Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Cattani, IceiaBorsa. **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.

Chiarelli, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002.

Danto, Arthur. **Após o fim da arte o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. Trad.: Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

Azevedo, Leonardo Felipe. **Rock my art: Ou O novo esteticismo de Porquê choras? Ou O dia em que Eduk entrou para a história da arte**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais) Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.